



Visado pela
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO XI • N.º 267 • PREÇO 1\$00

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Hoje não nos demoramos com nomes de pessoas e de terras aonde está fervendo a ideia. Não dizemos nada de Proença-a-Nova, de Torres Novas, de Maceira-Liz, Nada de Tortozendo, Mirandela, Braga e outras terras que, como estas, já fizeram entrega de casas e ora estão entregando mais. Não nos demoramos. Deixaremos igualmente para outra ocasião, o entusiasmo dos chamados *ateus*, que convidam os seus párocos, dão-lhe lugar nos seus soberbos carros, vêm até aqui tomar alturas e depois oferecem terrenos e dinheiro para a construção de casas; os *ateus*! Valia a pena ficarmos aqui e meditar na grandeza da Igreja. Só Elal! Só por Elal! Valia a pena, sim, mas hoje trago outro recado. É Miragaia. Desejo falar do bairro de Miragaia. Ele é hoje o meu comer e o meu dormir. Sendo que aquilo já tem suas vistas, pelo número de casas construídas, eu quedo em frente à alfândega, procuro sítio e de lá contemplo. É o êxtase. Quando dou fé, olho em redor; um mundo de gente! Funcionários. Motoristas de ganga azul. Carregadores. Despa-

chantes. Homens que nunca entram nas igrejas, porque nunca viram sair de lá nada. Demoram algum tempo. Eles não me perguntam porque sabem tudo. Sabem que são casas construídas de raiz para uso de famílias pobres, sem pagar renda e isto é tudo. Isto é uma perfeita declaração de amor e os motoristas e os funcionários e os carregadores e os despachantes, choram ali ao pé de mim, sem palavras. Não há palavras. A presença das casas esgota.

Este ano ficamos por ali. Para o ano mais casas. O terreno pede, mais ainda a urgência. Havemos de construir uma casa adequada à residência das *criaditas dos pobres* e chamar ao grupo *bairro das criaditas*. Falo das *criaditas* de Coimbra. Estiveram há dias no Barredo as duas fundadoras. Ficaram espantadas, elas que tanto sabem e tanto conhecem! Nós precisamos das *criaditas*. Elas são as religiosas do momento; não têm horas, nem capela, nem hábito, nem capelão, nem regra, nem rendimentos. Com o seu bairro em Miragaia e sua presença nas famílias, muito temos a lucrar.

Aqui há tempos, no jornal do dia, era uma carta de alguém que passou pela Ribeira e protestava contra a má língua daquela gente; sugerindo a presença de um agente de autoridade. Eu cá não. Proponho outro caminho. As *criaditas*. As *criaditas dos pobres* com seu lenço na cabeça e saca na mão. Tal como nas ruas de Coimbra e sítios aonde se fala mal, em vez do medo da polícia, haja antes devoção: *olha que vem ali a nossa mãe!* Assim se diz em Coimbra quando passa a Carolina ou qualquer das *criaditas*. Quantas palavras sustentadas! Quantos pensamentos cortados, desejos suprimidos, crimes suspensos, horas arrependidas! Quanto de tudo isto só porque *vem lá a nossa mãe*.

Tiremos o medo do mundo e implante-se o amor. Amor operoso, activo, constante, pronto, realizador; diria dinâmico, se esta palavra não andasse por aí tão barata. Amor por causa do Amor. Por intenção ao Amor. Com a futura presença das *criaditas*, não vamos ter para já a reforma do Barredo. Não se espera por isso. Mas teremos alguém que ame. Que ponha a mão. Que pergunte, que se importe, que beije a criança. Foi esta mesmo o que mais as impressionou. *Tantas crianças sem ninguém*, como elas diziam baixinho, enquanto caminhavam. Pois bem. Mais uns meses. Não tenhamos receio. Vêm lá as *criaditas* de certeza. Se alguém puser cancelas, um anjo do céu vem tirá-las.

De como eu fui ao

Alentejo e das coisas que por lá vi

A respeito daquela epígrafe, num dos últimos números, tenho aqui uma carta de Vendas Novas a ralar. É uma carta soberbal. Se quem assina é um alentejano, oxalá tivera eu nascido no Alentejo, para ser também um alentejano. Ela é extensa. E toda sobre o meu *não vi jeito de casa aonde se comesse*. Ora o signatário a este respeito diz assim:

«Poderia V. ter encontrado, desde que entrou na localidade e sem ter que se desviar do seu caminho, nada menos de oito ou nove restaurantes, pensões ou casas de pasto, algumas com condições para poderem servir as pessoas mais exigentes.

Isto, a qualquer hora do dia, e até de noite, pois existem recursos para tanto. É isso o que fazem muitas pessoas, até das mais elevadas classes sociais, tanto portuguesas como estrangeiras, e não consta que alguma se tenha queixado de que não viu jeito de casa onde se possa comer».

Eu vali-me das liberdades poéticas, sim, mas este nosso Amigo não. Ele quer bem a Vendas Novas. Não é poeta. Vai direitinho às realidades.



Aqui, LISBOA

Estamos ainda no rescaldo das festas magnas desta casa. Não admira que sejam alegres as notícias desta quinzena. Parece que a Providência esperava há muito a reconciliação da igreja para nos ajudar mais amplamente.

Do brilho externo da festa, falaram os jornais. Aos reporteres interessa apenas o aparato, nomes, barulho, a nota política. Com que insistência inquiriam o *quantum* da comparticipação dos Monumentos. A nós interessa-nos mais a vibração das almas, o clarão de luz interior que nelas perdura. Uma pobre parálitica que há muito nos pede um carro ortopédico, vem a arrastar-se entre

duas amigas para se encher da vista da sua igreja; velhinhos como o Ti-Felisberto e pobres como a Emilinha vieram trazer os parabéns concretos em dinheiro e toalhas de altar, e 20 e 300 e 50 e 55 e 100 e 1.587\$00 e mais objectos do culto, entre eles uma pequenina imagem do M. Jesus (a única coisa que escapou do incêndio de 1915). Sem desprimor para ninguém, mais do que tudo, apreciei a presença deste povo simples do Tojal.

Lisboa também se fez representar. Notámos a presença de todos os Amigos das grandes horas de alegria e tristeza (que também as há). Muitos que não estavam em corpo, não faltaram em espírito. Disse nos certificados por cartas e telefonemas. Em evidência aquela *velhinha do rés-do-chão* que veio entregar-nos mais uma casa—«Casa do Condestabre, o amigo dos Pobrezinhos.»—O Barredo fala dela nestes termos: Aquela mulher que nos enviou um cheque a dizer—*enquanto houver barredos é vão tudo quanto se faz em Portugal*—essa também pode ir! E vai na procissão com a terceira casa. Do Montepio vieram as listas do ano transacto. Nomes grandes, quantias, destinos, tudo ali bem discriminado. Assinaturas, Barredo, Património, Conferências, tudo tem lugar no coração de quem ali se foi desobrigar. Total: 40.130\$ afóra a dezena de carradas de embrulhos com que vestimos e calçamos os nossos Rapazes e inúmeros pobres. O Montepio é a porta de ouro da Rua do Ouro.

Do que aqui veio ter fala a nossa agenda. Há páginas totalmente cheias. De M. C. 1.000; da Maria da Esperança 50, o mesmo para sufrágios, de alguém da CECIL; 50 para amêndoas da Páscoa e outro tanto, no Lar, para o mesmo fim; 100 de M. I; duas camisolas e livros e jornais e abafos de criança e cem escudos. De Bucelas 50 e uma carrada de bolos e amêndoas. Mais uma prestação de *meia casa* em honra do Glorioso S. José. Seis pulovers duma Portuense; 600 de visitantes na sua desobriga anual; 3 dólares; cinco mil da Câmara M. de Lisboa; 1.165 dos Empregados da Vacuum; 1.000 dum jovem engenheiro do Porto e 50 e 100 dos seus companheiros; 100 doutro Engenheiro e 50 dum agente da Philips; 500 para as lanternas da igreja; 300 para seis meses da viúva da nota da quinzena; 500 da terceira prestação duma viúva,

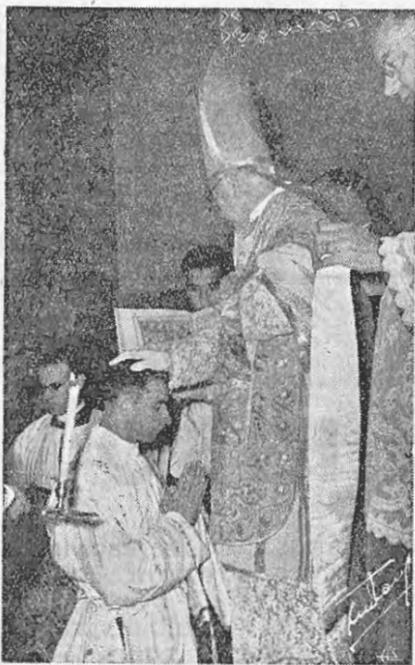
(Continua na quarta página)

NÓS VAMOS AO COLISEU

A data está à porta. Junho passa num instante e logo no primeiro de Julho é o dia. Pediu-se ao P.º Horácio de Miranda o concurso de alguns dos seus melhores. Do lojal, será pelo menos um em representação. Lar de Lisboa e de Coimbra e do Porto, idem. Tais em nossas casas, quais no palco. Nada postico. A semana passada tivemos um jantar de cerimónia. Eram cinco senhores. *Manel do Embrulho* serve. Nota-se uma pancada dissonante, sempre que ele entra e sai. Foi-se a ver. Era o sapato. *Manel do Embrulho* trazia um pé descalço e outro calçado, e assim andou até ao fim. Um dos hóspedes pergunta. *Aleijer-me* responde ele, e continua a servir. Tais em casa quais no palco. Quem vier à festa, é para ver a Casa do Gaiato. Nós cá somos assim.

Os Senhores tragam tostões. Olhem as casas dos pobres! Saibam que são os pobres quem ajuda os pobres. A força dos dinheiros aqui em casa, é nos primeiros dias de cada mês. Isto diz tudo. É o funcionário, a costureira, o jardineiro, a criada de servir. Receberam ontem os seus pequeninos dinheiros, puxaram por ele, espremeram e aí vem o vale do correio! Os senhores ficam sabendo que são os pobres!

PADRE ENGENHEIRO



Aspectos da Ordenação Sacerdotal. Se recuamos pelos séculos além, vamos dar com Jesus de Nazaré, ocupado na missão de fundar a Sua Igreja, preparando para isso os Doze. Outros tempos. Outros costumes. Mas a essência era como é. Nós somos a continuidade.



A promessa da obediência. Prometes obediência a mim e a meus sucessores? O Pontífice acredita no promito do sacerdote. Não se vai ao notário. Na Santa Madre Igreja é tudo confiança. É tudo verdade. Um beijo e eis.

Não houve jornal que não falasse na Missa Nova do Engenheiro Carlos Galamba, na paróquia de Santo Antão do Tojal, monumento nacional, por nós reconstruído.

Alguns diários disseram que o novo sacerdote tinha sido um rapaz da Casa do Gaiato e ou ros, por outras formas e maneiras trocaram nomes, datas, circunstâncias. São os jornais. São os jornalistas. Nada como a fonte limpa e é isso que vamos ter.

O novo «padre da rua», filho único, fez o seu curso superior na escola de Engenharia do Porto e só nos últimos anos é que começou a vir por aqui, na qualidade de visitante. Era um visitante dos sábados. Trazia consigo um bucha, de que fazia a sua merenda e à noitinha ia-se embora. Não dizia nada. Não perguntava. Era um observador. Fez o seu acto final e marchou para a Barragem de Santa Luzia, concelho de Pam-

vilhosa da Serra, estagiar. Ao vê-lo, quem diria? Que marca? Que sinal? Nada. Foi um estudante. Era agora um estagiário. Ia ser mais um engenheiro electro-técnico, que é actualmente a «arma» que dá mais dinheiro. Por isso o tínhamos. Por isso o tomávamos. Pais, colegas, amigos, todos. E ele? Mistério!

Como «naquele tempo», também o Mestre hoje chama os que quer. Esta sorte de chamamento, por extraordinária, foi sempre o drama íntimo dos chamados. Eles não sabem. Não compreendem. Vivem a sua perene confusão. Quanto mais Deus se lhes mostra, mais lhes desaparece. Oh dramal

São assim os escolhidos. Ficam as barcas, a rede, a família. A carta de engenheiro que tantos anos levou a conquistar, também essa fica. Todos os laços se quebram. Perde-se a vida!

Pescador de almas. É para isso mesmo. Quantos homens! Que de emoções! Gritos abafados! Almas a entrar nas redes, porque o escolhido deixou as redes... E tudo isto com a simples subida ao altar deste novo sacerdote. Todos os jornais falaram. Hoje, «O Gaiato» repete e cem mil pessoas tornam a ler. Ler é meditar. Meditar é agir. Crentes e descrentes, cada um a seu modo, debatem-se. Ora se ele é verdade que as coisas assim se passam só com o acto da subida ao altar, que fará quando o «pescador» vier a sangrar na sua via dolorosa; que fará! Ele celebrou a sua primeira missa no dia de Santa Cruz...

Ora agora entremos noutra capítulo, que nem só da palavra de Deus vive o homem; também precisa de pão. Quero-me referir àquele formoso candieiro, por de cima do vulto do Pregador. Aquelle e mais três, foram executados em Paço de Sousa por mestre Fonseca, um gaiato de 17 anos de quem muito temos a esperar. Ele é um pequenino génio. Tira da cabeça. Ainda ontem foi levar obra ao Porto e começa a ter encomendas. *Labora et ora*. Nós temos de ganhar o pão com o suor do rosto e caminhamos afoitamente para esse fim. O neo-sacerdote sentir-se-ia diminuído se viesse exercer a sua actividade numa obra de água benta e chapéu na mão. Não senhor. Nada disso. *Labora et ora*.

Mestre Fonseca vai mudar por estes dias para as suas novas e amplas oficinas. Tem por ajudantes o Machado mal-lo Russo Grande. Outros virão. Ele pensa ir ao Porto fazer uma encomenda de materiais em grande escala. Os senhores queiram fazer as suas encomendas desde já.

Venham ver as oficinas; um enorme edifício de 2 pisos com maquinarias e uma data de rapazes. António por chefe de carpinteiros. Santa dos sapateiros. Abel dos alfaiates. Fonseca dos ferreiros. Manuel dos trolhas e pedreiros. Gaiolas de grilos. Retratos dos ases da bola. Tudo. Nós também somos da alegria no trabalho.



O Excelentíssimo Senhor D. Fernando Cento fez a homília. Sendo que falou espanhol, não se perdeu uma única palavra, todas de apostólico fervor. Ele não se esqueceu da coincidência... dia de Santa Cruz!



O sacerdote dá a comunhão a seus pais. Ele foi tudo quanto eu tive neste mundo e como eu gostaria de tê-lo junto de mim na derradeira hora! [De uma carta de sua mãe].



O sacerdote retira-se do regaço do Prelado. Deixou os pais. Deixou os amigos. Deixou a carta de engenheiro. Tem um lenço na mão, com o qual enxuga lágrimas parecendo que chora. Lágrimas! Nada no mundo que tanto custe a decifrar!



Este é o mesmo. O mesmo sacerdote na cerimónia do beija-mão, imediatamente a seguir à sua primeira missa. Temos aqui o seu primeiro contacto com o povo e é assim que ele fala. Parece que perdeu tudo, sim, mas não; ele tem cara de quem ganhou tudo. Pescador de almas!



O Cardeal abaixa-se! O mundo não compreende estas grandezas.

Colabore na «Campanha de Assinaturas», angariando novos assinantes.

A festa do nosso P.º Engenheiro

DOCTRINA

em Paço de Sousa

A dita começou, na terça-feira, 4 de Maio, quando alguns dos nossos irmãos pela manhã a enfeitar a nossa aldeia, com flores e fazendo tapetes de serrim de madeira tingido, que se espalhavam desde a nossa capela até ao portão da entrada.

Quem comandava essa equipa de embelezamento era o nosso dedicado António Sérgio. O *Faisca* também andava, só tinha paleio, mas lá ia trabalhando, porque quando não, trabalhava a colher de pau. Não podia também faltar o nosso chefe Cândido da Glória.

Ficaram as nossas avenidas muito bem varridas pelos rapazes dos terreiros e devidamente enfeitadas com vários efeitos de papel feitos pelos da comissão.

A porta da entrada, além dos tapetes, também foi enfeitada com palmeiras e flores das mais bonitas, o cruzeiro de igual sorte e a capela muito melhor: ao cimo das escadas tinha dois enormes ramos de palmeira, onde estava uma grande lista de papel que dizia as seguintes palavras que vêm no Evangelho: *Bendito seja o que vem em nome do Senhor!*

Flores não faltavam, das mais variadas cores e efeitos. O cantar dos grilos também se associou à festa. Os grilos que no princípio de Maio costumam ser poucos, este ano não faltam. O cantar dos passarinhos parece ser mais suave. Não admira, a festa é para todos. Os passarinhos não foram criados para outra coisa que não fosse louvar o Criador e Senhor de todas as coisas!

O tempo está muito sombrio e com um vento bastante áspero, mas não deixa de ser bom. O tempo é mesmo assim. Está a mudar e é por consequência, incerto. De tarde já veio o sol. Verdadeiro sol da primavera. O vento áspero desapareceu, para ficar uma tarde agradabilíssima.

O nosso «Padre da Rua» chegou à nossa aldeia pelas 17 horas. Viu-se em papos de aranha, como soi dizer-se em linguagem popular, pois todos queriam abraçá-lo e beijar-lhe as mãos num tempo, armando grande barafunda.

O Sérgio teve mesmo que impor a sua autoridade: *Não se aflijam que ele chega para todos. Ele é nosso. Todo nosso.* Mesmo assim, todos eles iam direitos a ele com os braços abertos sem de nada se importarem.

Soavam no ar os vivas ao Senhor Padre Engenheiro, Pai Américo, Obra da Rua.

Em seguida veio pela avenida acima, por sobre o tapete que para esse fim foi feito, tendo a seu lado os nossos maiores: Sérgio e Manuel. Foi assim até ao cruzeiro, onde subiu os seus degraus e nos disse palavras de agradecimento pela homenagem prestada. Seguiram-se mais abraços e mais vivas.

Depois foi com alguns rapazes ver como iam as casas e as novas oficinas, onde se encontram os carpinteiros em grande movimento. Não podia faltar a visita ao hospital, onde temos uma doente que sofre da grande doença do cancro. Gosta muito dos doentes e dos pobres. É um autêntico «Padre da Rua». Demos graças ao Divino Espírito Santo, por ter tocado numa alma tão simples, tão generosa, numa palavra—tão nobre. O Espírito Santo sabe muito bem aonde assoprar. Muito

temos a esperar do nosso Padre. Muito nos há-de ensinar. É amando que se ensina a amar.

Amigos: não temos palavras para agradecer tão grande benefício vindo do Alto, mas agradeçamos todos como soubermos. Sejam sinceros. Muitas das vezes, as pequenas ofertas são as maiores. Depende da intenção.

No dia 5 de Maio, celebrou a sua terceira missa sendo a primeira na nossa aldeia, pois a primeira foi no Tojal, a segunda em Miranda.



O Sacerdote! A sua primeira saudação ao povo: Deus seja convosco. O povo responde: e contigo. Na Missa tudo é grande. Não há posto, não há espaço, não há gesto, nem palavra, nem til a que a liturgia não dê razão e significado. Cristo é o centro.

Teve a auxiliar os Sacerdotes, Rev.ºs Senhores: Padre Edgar, Padre da Obra, temporariamente, Padre Miguel Baptista Lopes, dig.º Pároco de Paço de Sousa, Padre Horácio, padre da Rua, que está em Miranda e o ilustre pregador Doutor Avelino Soares, que ao Evangelho fez uma prática muito linda, alusiva ao acto. Ao ofertório, os nossos maiores subiram até ao altar para oferecerem em nome de todos: Pão e Vinho.

Depois quase todos os nossos irmãos se aproximaram do Banquete Eucarístico em homenagem íntima ao nosso querido Padre Engenheiro. No fim da missa foi realizada a cerimónia do Beija-Mão distribuição de recordações.

Apesar de ser dia de trabalho na freguesia, ainda compareceram bastantes pessoas, às quais muito agradecemos.

Em seguida fomos para o refeitório onde nos foi servido o café com pão e doce. Ao meio dia foi sopa de repolho, arroz com carne com farta abundância, aletria, doce, biscoitos, vinho verde e do Porto.

As três e meia o nosso Grupo Cénico apresentou um espectáculo, que apesar de ser já repetição, saiu muito atrapalhado, apenas se destacou o conjunto «A Capoeira», composto por pequenos.

À tarde lá foi o nosso Padre Engenheiro para o Porto, donde seguirá para o Seminário dos Olivais, no fim dos quais cá o teremos em definitivo.

Desejamos muitas felicidades ao nosso Padre Engenheiro e que volte para o nosso meio o mais depressa possível, são os desejos de todos nós.

Daniel Borges da Silva

De muitas maneiras e por vários títulos, temos aprendido lições de vida com a permanência da Cancerosa que Deus nos veio trazer à porta. Ela está quase no fim, ao que julgamos. É mesmo possível que já não seja, quando estas regras vierem a lume. Pode ser, mas isso não importa. Fica, sim, tudo quanto a Doente sofreu e disse e ensinou.

O primeiro ponto das suas magníficas lições, reside no aturado tempo. Quanto não tem sido preciso para ajudar esta mulher a esgotar o cálice—quanto! Remédios. Alimentos. Moates de almo-

fadas. Uma enfermeira especial. Cuidados de tanta gente! E ela, a Enfe ma, sempre ocupada. Não há dia. Não há hora. Não há minuto, que não seja pertença total e absorvente de dores inenarráveis! Grande trabalho! Assim esclarecidos e porque temos dado a esta tudo quanto humanamente é possível, ficamos naturalmente a cismar naqueles casos do nosso conhecimento, aonde iguais doentes com dores semelhantes, não têm quem lhes chegue um púcaro de água fria! Esta é a primeira lição. Quanto não sofrem eles; e são milhares! Ora esta notícia é um ensaio. Os que não sabem, comecem hoje a balbuciar. Os que já sabiam, adiantem. Os mestres sejam-no mais. Foi Deus que nos mandou a Cancerosa. Em nome e por seu amor a tratamos. Em nome e por seu amor a pregamos. Se não escutas a lição não tens ouvidos de ouvir. Se a não aprendes, não és do rebanho. Aprender é fazer.

Não deve vir longe a hora, mas temos de esperar; fazer, até, violência, para que seja «hora de Deus». Sem Ele, nada. Quero-me referir à Obra dos Incuráveis. Como, quando e aonde, não podemos por enquanto precisar. Da sua urgência, estamos inteirados. Urge. Esta nossa Doente assim o afirma.

Os meus companheiros esperam que eu dê os primeiros passos. Eles acham que a nossa Obra precisa de «capitais». Sempre que nos reunimos, falam. Esteve aqui há dias o antigo engenheiro Galamba, hoje «padre da rua». Veio celebrar a sua terceira missa, tendo sido uma no Tojal e outra em Miranda. No fim, ele quer ir levar a comunhão. Sai do altar paramentado. Dois acólitos levam na mão luzes. Atrás, são os sacerdotes presentes. Duas grandes fileiras, contêm uns 200 gaiatos. Canta-se o clássico *Bendito*. Manhã gloriosa, com o sol por testemunha. Subimos ao andar aonde a Doente espia. As salas do hospital enchem-se. Padre Engenheiro entra com devoção e procede ao acto: *Corpus Domini Nostri Jesu Christi custodiat animam tuam in vitam eternam*. Eu estava. Estávamos todos. A Doente era o número pleno. Mãos postas. Lividez. Cansaço. Não fazia conta. Não sabia. Tudo foi devoção espontânea. Surpresa. Não há quadro. Não há tinta. Não há palavra. Nunca foi tão grande a nossa casa e essa grandeza brota de um Incurável. Isto só é possível na Igreja. Não é o ambiente. Não são as pessoas. Não é o estado ou ocasião. Venham os psicólogos. Os descrentes. Todos se enganam. É a presença real de Cristo na Sua Igreja. Mais nada.

Sua Eminência, o senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, tem ido visitar pobres. Vai a qualquer hora, qualquer tugúrio, em qualquer lugar aonde eles sejam. Vestido discretamente, até parece um padre da rua! A história não nos diz se e quando outros bispos de Lisboa tenham feito na mesma. Não sabemos nada. Este vai. Nunca tão eminente! O senhor Bispo de Beja, saiu e anda na rua com a Obra do Amparo! O senhor Arcebispo de Évora, entrado em anos, renasce. Eu estive ali. Sou testemunha.

(Continua na página seguinte)

NOTA DA QUINZENA

Quanto mais nos debruçamos na pessoa e casos de miséria social, mais sentimos o acerto de proceder também ao inquérito dos chamados ricos a não ficar somente no dos pobres. Há muito que vinhamos ruminando, mas como? Como proceder sem a intromissão? Ofensa, até aos direitos de cada um. Não via jeitos, mas eis que acabamos de receber a voz de um auto-inquirido. Diz assim: *tais coisas tenho lido no vosso jornal, que não posso sofrer mais tempo o peso da minha abundância e fui ao Banco depositar*. A carta informa quanto e aonde. Louvemos o Pai Celeste pela presença quinzenal do *Espada*. Muito bem lhe chama, quem lhe deu aquele nome. Não sei quem, mas o nome é o melhor que há — *Espada*. Corta, vai lá dentro, mexe, faz sangue: *não posso sofrer*.

Já não precisamos de inquéritos. Não faz falta a Repartição, nem Agente Social, nem as vinte e cinco linhas de papel azul, nem nada. Temos convencidos e isso basta. Esta notícia vai fazer bem a outros. Começa a sentir-se o peso das riquezas inúteis. São feridas. Feridas interiores, descobertas do próprio. A leitura do jornal fere, o sangue brota e causa dor — *não posso sofrer mais*.

Outros hão-de queixar-se a seu tempo e à sua maneira. O homem não é todo nem somente um animal. Não senhor. O melhor dos inquéritos sociais, é revelar, fazer sangue e chamar pelo nome de cada um. Não há ninguém que não ame — nem um!

AQUI, LISBOA!

Continuação da
primeira página

PELAS CASAS DO GAIATO

de S. Condestável e mais três prestações de mil da assinante 4.419. No Lar, um dedicado amigo faz dos rapazes a menina dos seus olhos: prendas para os que fazem anos, reparações nos utensílios que se deterioram, conselhos oportunos... Será possível que depois dum engenheiro, um funcionário dos correios venha a dar num padre da rua? Da Maria da Cruz 20 para pintar as amêndoas dos gaiatos; dum paroquiano de S. Jorge de Arroios 100 — «quantia que o coração me obriga a mandar todos os meses». De M. D. M. da povoação mártir, Frietas, 100 e 20 dum paralítico da mesma. A nossa conta do Banco tem também os seus devotos. Além dos Empregados da Vacuum e do Crédito Predial recebemos a notificação de mais 500 e 2.500; um enxoval completo e calçado e mimos da assinante 7.133, e 750 duma família do Tonal. Agora uma paragem para respirar.

A velhinha das Comenladeiras trocou finalmente por lençóis lavados e cobertores decentes, as miseráveis serapilheiras. Deus é testemunha da alegria da pobre ceguinha. Responderam ao nosso apelo o Porto, Barcelos, Santarém e Mafra. Alguém quer saber por que medida pode mandar mais roupas. Que mande com qualquer, pois tudo serve a um feixe de ossos ligados por uma tênue pele enrugada.

Na barraca seguinte fomos deparar com uma viúva a arder em febre, com pontadas no peito. Ao lado um filho tuberculoso. O marido morreu tuberculoso. Há tempos vi morrer-lhe uma filha tuberculosa também, encostada a um valado, enquanto amamentava uma filhinha. Que espera esta angélica criança? Tenho andado a ler «O Problema da Habitação» que descreve e localiza as Curraleiras do Porto e Lisboa. Vi ali que esta zona tem o nome de *Vale Escuro*. Nome adequado, apesar de voltado ao sol com Tejo à vista. Barreiro, Palmela e Serra da Arrábida a limitar-lhe o horizonte. Se nos dessem o Vale Escuro havíamos de fazer dele outra Costa do Sol. Mas as colunas da Praça do Município estão ainda muito torcidas. Vamos continuar: Duma noiva feliz 100; dum asilado, esta carta: «Leio o Gaiato aos meus companheiros crentes e descrentes, eles escu-

tam-me, mas têm ódio aos padres. Por causa deles eu sofro. Há sete anos para cá, tenho sofrido mais; seja pelos meus pecados. Quando eu vivia sem Deus pequei muito, e agora desejo renunciar a todos os bens terrenos para ser de Deus. Das minhas economias junto trinta escudos para uma missa por todas as crianças do passado, do presente e do futuro (como vinha no jornal). Sou um asilado». Mais um cobertor feito de migalhas para uma das casas do Património. «Se fossemos ricos seria comprado na loja, como não somos vai de retalhos»; 1.000 da Rua Buenos Aires e um delicioso moscatel de Setúbal. Para as Conferências, 50 das Caldas, e 100 de Lisboa. Livros e revistas do Estoril e da Rua Antero do Quental; 548 pela visita das Crianças da Freguesia de S. Cristóvão; 500 da desobriga dum senhor; 300 do primeiro ordenado do meu afilhado; 20 duma desconhecida; 100 para os pobres; roupas às portas das Igrejas; assinaturas e donativos nos mesmos lugares aos vendedores, nomeadamente 500 em S. João de Deus duma africana, 100 em S. Sebastião da Pedreira, 20 em Fátima etc.; 50 e uma cama, de Lisboa. Mais 50 da M. do Rosário, de nove anos, lamentando não poder dar mais em dinheiro, mas, acrescenta: «compenso nas minhas orações e na propaganda da Obra que também é minha porque nasci sem pai». Finalmente uma infinidade de donativos e prendas entregues directamente ao novo Padre Engenheiro.

Padre Adriano

AGORA

Logo de entrada e para que a de hoje não seja inferior às mais procissões, logo de entrada dizia, vai um senhor do Porto com a Casa do Bom Pastor. Foi ele pessoalmente, na companhia de duas crianças, quem entregou no Lar do Porto, bem como um segundo subscrito com mais dois contos. Casa do Bom Pastor. O nosso padre-engenheiro recebeu o sacramento da Ordem no dia do Bom Pastor. Por cima do portão da aldeia, os rapazes escreveram: *Nós te saudamos ó Bom Pastor*. Tudo isto é a procissão de hoje. Deixem passar.

Vai um senhor do Porto com mais mil, para juntar aos poucos, até perfazer a casa. Aonde se viu um material assim? A carta à máquina L. F. J., sim. Sim senhor. Vai também a Maria de Macau com um cheque de 660\$ na mão. Havendo ela pedido a S. Judas um impossível, tornou-se isso possível. Tudo consta e vai na crescente procissão; até de Macau!

Ora queiram afastar-se um nadinha; vão passar os funcionários do Instituto Nacional de Estatística com 466\$50. Eles querem oferecer uma casa em Lisboa. Ali está difícil de entrar, sim, mas nós já andamos na periferia...! Um electricista do Lobito, vai ao seu ordenado, retira 200 angolares e cá vai na procissão. O J. M. M. de Lisboa vai com 50\$. O de tabaco a menos vai com os costumes 20\$. Anda aqui alguém de Lisboa, E. F., que nunca faz a

PAÇO DE SOUSA O nosso Padre Engenheiro celebrou em 5 de Maio, na nossa Capela, a sua terceira missa a que todos assistimos com os trabalhadores da nossa Aldeia e algum povo da freguesia. Teve uma brilhante recepção e nesse dia foi feriado na Casa do Gaiato.

Ver notícia mais pormenorizada noutra local do nosso «famoso».

—Nós temos cá dois animadores da Columbofilia que são o Carlitos e o Abel.

Já têm entrado em vários concursos, mas têm ficado sempre a zero.

Mandaram-me pedir aos nossos leitores se por acaso tivessem lá por casa algum livro que tratasse deste interessante desporto, muito lhe agradeceríamos.

—Temos muito a agradecer à «Casa Valverde» do Porto, que nos tem servido sempre muito bem com as roupas, para o nosso grupo cénico apresentar os seus apreciados espectáculos, sem nos ter levado um tostão.

Queiram amigos, receber cumprimentos de toda a «malta», que lhes deseja muitas felicidades o muitos exitos.

—Agora só se vê e se ouve falar em grilos: grilos práqui, grilos prácolá: grilos no refeitório, nas escolas, nos dormitórios, nas oficinas e quando estamos a rezar o terço, lá estão também os grilos a cantar.

—O resto das oficinas já mudaram para o prédio novo, situado ao pé da Casa 4.

✚ O pároco da freguesia veio ontem à tardinha com a cruz e levou os restos da Canceirosa. Era o 13 de Maio.

Senhora Amélia, se chamava. Por tal a recebemos e como tal a tratamos. Mais nada. O Pai Celeste conhece-a e isso basta.

Os gaiatos dobraram os sinos, velaram a noite, arranjaram o caixão, trataram dos papeis — tudo. Tudo eles.

Oxalá eles venham a tratar da mesma forma os meus restos mortais.

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Durante a quinzena recebemos 20\$00 de Mariana P. da Silva. Assinante 15.595 de Coimbra, igual quantia. Outros vinte de algures. E mais outro tanto de uma assinante de Viseu. Laura Costa, do Porto, idem. Assinante 9850 de Lisboa, 100\$00. António Maria Seródio, 50\$00. Um humilde tripeiro, com 50\$00. E mais nadal!

Júlio Mendes

festa com menos de 500\$ e vem a miude. A Isabel de Lisboa ouviu falar e vai com 1.500\$. Temos agora aqui trapalhada. São os C. T. T. Os C. T. T. do Porto. Havíamos registado Fevereiro. Março, entregaram no Lar 475\$. Mais 266\$. Mandaram pelo Papagaio 385\$. Tudo muito bem. Mas agora aparece o Pessoal dos C. T. T. da Batalha, Pessoal do 2.º Sector Postal e Cabine Telefónica dos C. T. T. da Batalha — todos eles começam com 372\$30 — a sua primeira casa. Os primeiros citados, dizem-se funcionários da Circunscrição Técnica. Os segundos, como se sabe. Se as Telefonistas também vierem, temos de requerer a Polícia de Transitos!

Não seria mais conveniente aos nossos amigos dos C. T. T. fazer no Banco Espírito Santo os seus depósitos, até chegar à meta; não seria? Aquilo em um instante. Pessoal alerta. Facilidades. Quem lá for, fica com vontade de tornar.

Agora até respiramos mais fundo pelo motivo do antigo prédio passar a pertencer exclusivamente às nossas oficinas gráficas!

Os trabalhos agora até vão sair melhor e assim os nossos clientes não terão razão de queixa...

—Quanto a jornais recebi: Uma Senhora da Câmara do Porto, Senhores: Carlos Gomes de S. Pedro de Sintra, Sr. Doutor Napoleão Vieira e Sousa, dig.º chefe dos Serviços aduaneiros de Angola, António Carvalho, do Sr. Albino, de Coimbra, que já por várias vezes enviou e não podia faltar a Senhora do costume, da mesma terra. Também recebi da Srna. Rosa de C. Pereira. Jornais e selos que muito me agradaram. Quanto a selos, fiquei a ver navios, mas não pode ser sempre.

Vou esperando. Saber esperar é uma grande virtude.

Por hoje nada mais falta a não ser os cumprimentos do

Daniel Borges da Silva

LAR DO PORTO No dia 6 de Maio veio cá o Senhor Engenheiro Galamba que agora é Padre. Veio de propósito para celebrar Missa para nós, visto sermos os únicos que faltávamos. Esta Missa foi oferecida pelo Senhor Padre Engenheiro pelas nossas intenções, e o mesmo também pediu que nós pedíssemos a Deus para o ajudar nesta vida de Sacerdócio e da «Obra da Rua». Em todas as casas houve missa cantada, mas nós não a cantamos porque estamos muito desafinados; mas para não deixarmos de fazer nada de bom, alguns dos nossos rapazes comungaram oferecendo este acto solene ao Senhor P. Engenheiro. À despedida ofereceu-nos algumas estampas da sua Missa Nova.

—Alguns dos nossos rapazes tinham muito gosto em aprender a dar injeções; mas cá não há ninguém que saiba, portanto se houvesse alguém que nos pudesse dar algumas lições, agradeceríamos muito que nos acusassem pelo correio. Pois assim já não era preciso virem cá os Enfermeiros Reunidos incomodarem-se. Um muito obrigado a estes que sempre solicitados comparecem gratuitamente. Temos a acusar algumas ofertas neste Lar, sendo elas as seguintes: 50 lousas do Banco Nacional Ultramarino que seguiram para Paço de Sousa visto não haver aqui alunos, nem tão pouco escola, pois os rapazes que cá estão já todos têm a 4.ª classe. Duma Senhora amiga recebemos duas latas de azeite e uma saca de farinha. Outra vez 50\$00 na caixa do correio, já a segunda oferta que recebemos assim.

Por agora já disse tudo. Agora um pedido, o nosso grupo de futebol precisava duma bola pois a que cá temos já está toda arremendada se alguém nos quiser oferecer a dita agradeceremos muito. Também agora ando a coleccionar selos. Quem quiser mandar-me alguns pode mandar na seguinte direcção: João Luciano — Lar do Gaiato — Porto, assim já cá vêm ter. Por hoje termino, e até à próxima.

João Luciano

A venda do «Famoso» EM ARCOS DE VALDEVEZ

—Com esta é a terceira vez. Saimos do Porto pelas 4 h ras da tarde, aqui a nada estávamos em Braga, sem chegarmos a parar. Chegamos à Ponte da Barca, o carro parou e eu começo a vender. Corro a vila toda e dirijo-me à polícia de trânsito, onde me compraram 5 jornais e fazendo-me perguntas e mais perguntas. Segui para os Arcos, onde me receberam muito bem. Fui comer com o tal senhor ao Hotel Ribeiro e comemos do bom e do melhor. No domingo pelas 15 horas já tinha tudo vendido. Foram 150 jornais, conseguindo também cinco assinantes novos.

—O senhor padre Presa anda muito entusiasmado com a obra do «Património dos Pobres», mas não há o essencial... e por isso está parado. Os pobres estão ansiosos por terem novas moradias. Quanto mais depressa, melhor.

—Encontra-se no restaurante Girassol uma casa do «Património dos Pobres», tendo um mealheiro para a concorrência e já caiu algum. Brevemente vamos abrir o mealheiro. Não esqueçam: restaurante Girassol, Travessa dos Congregados, Porto.

Papagaio

P. S. — Este é o Papagaio, falando-me ele de Viana, conta-me de como por lá gostaram dos bichitos vermelhos que ele tinha comido em casa do senhor Melo; e que uma senhora lhe prometeu uma lagosta Lagosta, alto lá. Prá lagosta estou cá eu. Tanto mais que Papagaio dá-me fracas referências: eu tenho visto ingleses a comer daquela porcaria no restaurante Regaleira. É assim que ele chama às lagostas — porcaria. Ora eu gosto daquela porcaria.

SE DESEJA MANDAR CONFECCIONAR
TRABALHOS GRAFICOS, CONSULTE
TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO
PAÇO DE SOUSA

DOCTRINA—(Continuação da 3.ª página)

No Algarve, fala-se a mesma linguagem forte das realidades eternas. Do Tejo para cima; do Vouga para cima; do Douro para cima, os nossos Bispos têm todos uma só palavra. São mesmo eles que têm a palavra.

As Obras de Caridade são por natureza um assunto teológico. Não se pode fazer assistência sem este conceito. A base delas consta da existência e da presença de Deus na terra. O mistério da Encarnação é a sua luz. A doutrina do Corpo Místico de Cristo fornece as normas. A Comunicação dos Santos, a cúpula.

Tudo isto vem para dizer que só a Igreja. Só a ela cabe a verdadeira assistência de irmão para irmão. A Mãe. A eterna enfermeira. Só Ela cura. O mais é mentira.